

## Postar, curtir e aprender?: o uso do Instagram no Ensino de História

---

Andreza S. C. Maynard<sup>d</sup>

**Resumo:** Nos últimos anos os celulares, a internet e as redes sociais tem se colocado como fortes elementos concorrenciais de atenção na sala de aula. E ainda que algumas instituições coloquem como norma a proibição dos equipamentos, os alunos continuam conectados ao mundo virtual. Numa tentativa de atrair a atenção dos alunos para as aulas de história, estimar e dar visibilidade à produção das atividades realizadas por eles, foi realizada uma experiência com o uso do aplicativo Instagram no ano letivo de 2019, com alunos de 9º ano e 3º ano, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. Esse texto apresenta uma reflexão crítica acerca dessa experiência. A prática consistiu em orientar uma sequência de postagens de imagens com conteúdo histórico, acompanhadas por uma legenda, explicando-as. As postagens foram realizadas no perfil *historia\_codap*, podendo ser acessadas por alunos, comunidade escolar e público mais amplo. A ideia do uso do Instagram e a provocação para que os alunos participassem da aula, tentava retirá-los da posição de passivos, colocando-os inclusive como criadores de um conteúdo digital que envolvia a história.

**Palavras-chave:** Ensino de História, Instagram, educação básica, História Digital, Brasil.

### Post, like and learn ?: the use of Instagram in History Teaching

**Abstract:** In recent years, cell phones, the internet and social networks have become strong competitive elements of attention in the classroom. And although some institutions put the ban on equipment as a norm, students remain connected to the virtual world. In an attempt to attract students' attention to history classes, to estimate and give visibility to the production of activities carried out by them, an experiment was carried out with the use of the Instagram app in 2019, students from the College of Application of the Federal University of Sergipe. This text presents a critical reflection on this experience. The practice consisted of directing a sequence of image posts with historical content, accompanied by a caption, explaining them. The posts were made in the *historia\_codap* profile, and can be accessed by students, the school community and the wider public. The idea of using Instagram and provoking students to participate in the class, tried to remove them from the passive position, including them as creators of a digital content that involved the story.

**Keywords:** History teaching, Instagram, elementary school, Digital History, Brazil.

Artigo recebido em 20/11/2020 e aprovado em 09/12/2020.

# POSTAR, CURTIR E APRENDER?: O USO DO INSTAGRAM NO ENSINO DE HISTÓRIA

ANDREZA S. C. MAYNARD

*A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Todo som produzido por Winston que ultrapassasse o nível de um sussurro muito discreto seria captado por ela; mais: enquanto Winston permanecesse no campo de visão enquadrado pela placa de metal, além de ser ouvido também poderia ser visto.<sup>II</sup>*

## Introdução

Com o avanço das tecnologias de informação, as pessoas tem acessado cada vez mais as redes sociais em diversos ambientes, incluindo a sala de aula. A revolução tecnológica coloca um público que é nativo digital<sup>III</sup> em contato com um corpo docente que, em boa parte, precisa se adaptar ao uso dessa tecnologia.

A voracidade e naturalidade com que os alunos da educação básica manejam aparelhos eletrônicos, sites e aplicativos tem levado os professores à reformulação constante das suas práticas, visando acompanhar as constantes mudanças pelas quais o mundo tem passado.

No Brasil, o ensino de história vem sendo desafiado a dialogar com os conteúdos digitais, mas também a inserir práticas de história digital na sala de aula. Esse texto apresenta uma reflexão crítica acerca de uma experiência envolvendo o uso do aplicativo Instagram nas aulas de história durante o ano letivo de 2019 no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe<sup>IV</sup>, também conhecido como Codap. Ao invés de proibir o uso do celular na aula de história, ele foi transformado em aliado no processo de ensino-aprendizagem.

Atentando para a necessidade de conferir sentido ao trabalho escolar, atrair a atenção dos alunos, valorizar e dar visibilidade à produção deles nas aulas de história, buscou-se tornar o aluno protagonista de sua própria aprendizagem, permitindo que ele fizesse algo do seu interesse pessoal, ou seja, acessar a rede social. Mas isso foi feito associado aos métodos tradicionais e o mais importante, sem substituir o olho no olho durante as aulas.

A ideia consistiu em orientar uma sequência de postagens de imagens com conteúdo histórico, acompanhadas por uma legenda, explicando-as. Por ser um ambiente gratuito, permitir o compartilhamento de imagens, ser de fácil acesso e manuseio a exploração dessa rede social nas aulas de história parecia algo auspicioso.

No Colégio de Aplicação, quase todos os alunos mantem um perfil ativo no Instagram. Eles produzem e consomem informações dessa rede social, que é extremamente dinâmica. Incorporar o Instagram às aulas foi um esforço de adaptação do ensino de história num mundo moderno líquido, para empregar a expressão cunhada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman<sup>V</sup>. A iniciativa procurou uma forma de atrair a atenção dos alunos num mundo saturado de informações. Refletindo acerca do papel da educação no contexto da modernidade líquida, Bauman chegou à conclusão de que

# POSTAR, CURTIR E APRENDER?: O USO DO INSTAGRAM NO ENSINO DE HISTÓRIA

ANDREZA S. C. MAYNARD

A educação assumiu muitas formas no passado e se demonstrou capaz de adaptar-se à mudança de circunstâncias, de definir novos objetivos e elaborar novas estratégias. Mas permitam-me repetir: a mudança atual não é igual às que se verificaram no passado. Em nenhum momento crucial da história da humanidade os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas que hoje nos é apresentado. A verdade é que nós nunca estivemos antes nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações. E também a arte mais difícil e fascinante de preparar seres humanos para essa vida (BAUMAN, 2011: p. 125).

Numa sondagem inicial, feita por meio de questionário respondido pelos discentes, apurou-se que o aplicativo mais acessados pelos alunos dos nonos e terceiros anos<sup>VI</sup> era justamente o Instagram. Nessa rede social, eles compartilham imagens de si e informam sobre gostos, preferências, hábitos alimentares, locais frequentados, amigos, familiares, viagens, festas e até mesmo sobre a escola que frequentam. Não é incomum flagrar um aluno dentro da escola posando para uma foto, que possivelmente irá parar nas redes sociais.

A relação das pessoas com as telas dos celulares no século XXI representa o inverso do que George Orwell<sup>VII</sup> descreveu no livro “1984”. No romance distópico, os habitantes da província do superestado da Oceania viviam sob a vigilância onipresente de um governo totalitário. Por isso mesmo, as pessoas eram obrigadas a ficar em frente às teletelas, um aparelho que reproduzia e também captava imagens e as enviava ao Partido Interno. O Grande Irmão, líder do Partido, estava atento a tudo o que acontecia. As teletelas eram uma imposição aos cidadãos, que sabiam estar sendo vigiados todo o tempo. É curioso que um dos programas de maior sucesso da TV mundial faça alusão ao texto de Orwell.

Entretanto, o contexto em 2019 era bem diferente. Vive-se de acordo com regimes democráticos na maioria dos países do Globo, inclusive no Brasil. Além disso, as pessoas ficam espontaneamente, e por várias horas, em frente à tela do celular. Elas não apenas veem o que querem, também são vistas e ouvidas. Haja vista que frequentemente o Google<sup>VIII</sup> e a Siri<sup>IX</sup> fazem sugestões aos usuários baseados nas escolhas dos mesmos. Como já mencionado, os próprios usuários oferecem um leque variado de informações sobre o que estão fazendo, quais são as suas preferências e dificuldades.

O aperfeiçoamento dos aparelhos de telefone celular e o acesso cada vez mais rápido à internet revolucionaram a comunicação no século XXI. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apontam que o uso do telefone celular vem se aproximando dos 100%. As tabelas 1 e 2 apresentam os resultados de uma pesquisa realizada nos anos 2016 e 2017. Os dados apontam para a ampliação do número de pessoas que usam o celular para acessar a internet no domicílio, sendo que a principal finalidade do uso da Internet é a troca de mensagens e imagens. Vejamos as tabelas a seguir:

Tabela 1. Equipamento utilizados para acessar a Internet no domicílio

	2016	2017
Telefone móvel celular	97,2 %	98,7 %
Microcomputador	57,8 %	52,3 %
Televisão	11,7 %	16,1 %

# POSTAR, CURTIR E APRENDER?: O USO DO INSTAGRAM NO ENSINO DE HISTÓRIA

ANDREZA S. C. MAYNARD

Tablet	17,8 %	15,1 %
--------	--------	--------

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016-2017.

Tabela 2. Finalidade do acesso à internet

	2016	2017
Enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes do e-mail	94,2 %	95,5 %
Conversar por chamada de voz ou vídeo	73,3 %	83,8 %
Assistir vídeos, inclusive programas, séries e filmes	74,6 %	81,8 %
Enviar ou receber e-mail	69,3 %	66,1 %

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016-2017.

Comparando os dados do IBGE ao público escolar que participou da experiência com o Instagram, percebe-se que eles estão no grupo majoritário, aquele que possui um celular e que usa o aparelho para acessar a internet, principalmente para a troca de mensagens e imagens.

Em 2017, 75,2% das pessoas que não usavam alegaram que não sabiam usar, ou tinham falta de interesse. Nesse mesmo ano, 93,2 % da população brasileira tinha telefone celular e 31,5 % dos domicílios contavam com o telefone fixo convencional. Dentre os fatores apontados para as pessoas não possuírem aparelho celular, destaca-se que 25,7 % consideraram o aparelho caro, 23,2 % costumavam usar o telefone celular de outra pessoa, 21,3 % não tinham interesse em ter e 19,4% não sabiam usar celular.

Voltando a comparar os dados do IBGE ao grupo de adolescentes que participou da atividade, pode-se afirmar que os alunos que não possuíam um celular no início da experiência, declararam que perderam, foram roubados, ou que o aparelho anterior sofreu algum dano. Em todas as situações descritas, os alunos colocaram a ausência do celular como uma situação passageira, o que de fato acabou acontecendo, já que todos tinham celular ao final do ano letivo.

Os alunos que frequentam as escolas no século XXI estão imersos nessa realidade. Eles são diferentes das gerações anteriores, justamente por estarem o tempo todo conectados. E muitas vezes a própria escola oferece internet gratuitamente.

Nativos digitais, os discentes têm acesso à informação e sanam dúvidas e curiosidades com uma simples consulta ao Google. É inegável que isso muda a relação do aluno com o professor, pois este já não é a única fonte de conhecimento. Nem se espera que ele seja apenas um transmissor de conteúdo educacional. O que se espera desse profissional que tem diante de si alunos mais espertos e autônomos, é que ele se preocupe menos em transferir informação e mais em ajustar um ambiente de ação prática que propicie a construção do conhecimento.

Silvia Parrat-Dayana fez um balanço comportamental do público escolar recente e chegou à conclusão de que

## POSTAR, CURTIR E APRENDER?: O USO DO INSTAGRAM NO ENSINO DE HISTÓRIA

ANDREZA S. C. MAYNARD

É necessário compreender que hoje os alunos estão menos motivados e menos preparados do ponto de vista intelectual; eles nem sempre têm as competências necessárias para a escola, e assim não respondem àquilo que os professores esperam deles. É necessário compreender, também, que a autoridade dos professor está baseada no trabalho constante; o professor se compromete pessoalmente para convencer os alunos, inventa métodos inéditos para dar aula e consegue estabelecer certa paz social (PARRAT-DAYAN, 2012: p. 164).

O ambiente escolar tem passado por muitas mudanças, mas cabe salientar que também existem algumas práticas que permanecem. Refiro-me especificamente à indisciplina. E isso se deve a vários fatores, desde o desinteresse dos alunos pelas aulas (haja vista que eles tem a internet ao alcance das mãos oferecendo um conteúdo aparentemente mais atrativo), o questionamento do papel do professor e da sua autoridade (uma vez que esse já não é mais a única fonte do conhecimento) e até mesmo questões pessoais (problemas familiares, por exemplo), ou problemas estruturais (falta de material, estrutura física da escola). Algumas dessas possíveis causas para a indisciplina fogem ao controle do professor e da escola. Mas há sempre a opção de tentar uma aproximação com os alunos. No caso das aulas de história do Codap, usar redes sociais foi um dos recursos na busca por essa aproximação.

### O perfil @historia\_codap e o Instagram na sala de aula

Procurando transitar pelo universo dos alunos com os quais trabalho, criei em 2019 o perfil @historia\_codap no Instagram. Inicialmente o objetivo consistia apenas em divulgar as atividades realizadas nas turmas em que leciono. Mas nesse mundo tão volátil e dinâmico, logo veio a ideia de usar o espaço também como uma forma de experimentar novas formas de ensino e aprendizagem.

No Brasil, o uso do Instagram para abordar temas históricos já vem sendo feito por várias pessoas e grupos. Alguns perfis chegam a ter milhares de seguidores, como o @historiaeimagens (994 mil seguidores)<sup>X</sup>, que compartilha fotografias acompanhadas de legendas explicativas e tem uma característica de divulgar curiosidades. Já o @historianopaintoficial (245 mil seguidores)<sup>XI</sup>, publica imagens com teor humorístico, os chamados memes. E o terceiro exemplo é o @historialiberta (282 mil seguidores)<sup>XII</sup>, que publica imagens variadas (fotografias e memes, por exemplo) e tem um teor mais politizado. Ao mesmo tempo há um movimento de escolas, grupos, e pessoas que procuram transformar o Instagram nessa espécie de vitrine virtual do que eles vem realizando no campo da educação.

Como já foi mencionado, a ideia inicial com a criação do perfil @historia\_codap era justamente fazer uma vitrine virtual dos trabalhos, apresentando aos alunos, pais, colegas de trabalhos e demais interessados, as atividades desenvolvidas ao longo do ano. Neste último grupo, constatamos a presença de ex-alunos do Colégio de Aplicação, curiosos, um número expressivo de estudantes da licenciatura em história, bem como recém-formados, que vinham acompanhando as postagens.

Ao mesmo tempo, o perfil funcionaria como uma espécie de memória da classe, um álbum que documentasse as atividades, saídas a campo, e mesmo apresentação de

## POSTAR, CURTIR E APRENDER?: O USO DO INSTAGRAM NO ENSINO DE HISTÓRIA

ANDREZA S. C. MAYNARD

trabalhos. Seria uma maneira de guardar lembranças desses momentos. Isso é significativo, sobretudo para os alunos dos terceiros anos que cursavam seu último ano letivo na instituição e, em breve, iriam ingressar no ensino superior. Assim foi feito e chegamos ao fim do ano letivo com várias imagens que gravaram momentos de ensino e aprendizagem das turmas. Dentre os registros que ficaram no perfil o @historia\_codap, estão algumas das postagens feitas pelos alunos durante o desenvolvimento das atividades envolvendo o uso dessa rede social.

A experiência com o Instagram e o ensino de história envolveu duas turmas de nono ano, com idade média entre 14 e 15 anos, e 2 turmas de terceiro ano, com idade média entre 17 e 18 anos. Para participar, era preciso apenas ter celular e uma conta no Instagram. De um total de 120 alunos, apenas 2 alunos do nono ano e 2 alunos do 3º ano alegaram não ter conta no Instagram. Somente 5 alunos declararam não ter celular no momento em que iniciamos a atividade. Ao longo do ano a ausência do celular foi sanada e todos possuíam aparelho próprio. Mas os alunos que não tinham Instagram permaneceram nesse condição até ao fim do ano letivo. Eles puderam realizar a atividade de pesquisa e entregar o resultado por escrito.

A tarefa virtual poderia ser realizada em dupla, ou individualmente, e consistia em realizar a postagem e marcar o perfil @história\_codap. O procedimento da experimentação foi realizado conforme os passos descritos a seguir:

- 1) Os alunos tiveram uma aula expositiva e dialogada, com o apoio do livro didático, slides, quadro branco e pincel, o conteúdo foi abordado panoramicamente.
- 2) Em seguida foram sorteados temas específicos sobre o que eles haviam visto na aula. A tarefa proposta foi a de que os alunos realizassem pesquisas na internet, de acordo com orientação recebida, e, em seguida, selecionassem duas imagens e escrever uma legenda de 5 a 10 linhas.
- 3) O resultado da pesquisa deveria ser postado no perfil pessoal do aluno (stories<sup>XIII</sup>, feed<sup>XIV</sup>, ou ambos), marcando o perfil @historia\_codap para que os trabalhos fossem identificados com mais facilidade e ao mesmo tempo, para que fosse possível compartilhá-las no perfil institucional, dando assim maior visibilidade aos trabalhos dos alunos.
- 4) Após a visualização, curtida, comentário, ou repostagem do perfil @história\_codap, os alunos que desejassem poderiam apagar a postagem do seu perfil pessoal.
- 5) Cada postagem valia 1,0 ponto. Essa era a pontuação máxima a ser obtida com a atividade.
- 6) As postagens dos alunos foram salvas em forma de imagem e levadas para a sala de aula. Essa etapa foi significativa, porque valorizou a produção dos alunos para eles mesmos e para os colegas, deu visibilidade aos trabalhos dos colegas (nem todos acompanharam as postagens dos demais no Instagram), possibilitou a interação durante a aula na medida em que os alunos foram



## POSTAR, CURTIR E APRENDER?: O USO DO INSTAGRAM NO ENSINO DE HISTÓRIA

ANDREZA S. C. MAYNARD

instigados a explicar a escolha das imagens e o que elas significavam. Também foi dado enfoque à repercussão (os comentários das pessoas nas postagens). Enquanto isso o conteúdo ia sendo trabalhado.

- 7) Foram realizadas duas postagens em cada turma, uma no primeiro e outra no segundo semestre.

Ao total, foram 120 alunos envolvidos na atividade, sendo duas turmas de 9º ano e duas turmas de 3º ano. A tabela a seguir apresenta sumariamente os dados pertinentes à experiência:

	9º ano	3º ano
Quantidade de alunos	60	55
Faixa etária	14 a 15 anos	16 a 18
Alunos sem celular	3	2
Alunos sem Instagram	2	2
Conteúdos mais acessados	Instagram, WhatsApp, Netflix, jogos, Google	Instagram, WhatsApp, Youtube, jogos, Google
Uso diário do celular	3 a 5 h	4 a 6h
Temas abordados	Primeira República 1899-1930: Economia, Imigração e Movimentos Sociais. Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985): aspectos políticos.	Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Globalização e Nova Ordem Mundial (1989-2019).

Quadro 3. Confeccionado pela autora. Fonte: Dados baseados nos depoimentos dos alunos à autora.

A primeira experiência foi feita com os alunos dos nonos anos. Estávamos estudando o período da Primeira República (1889-1930). Como a atividade podia ser feita em dupla, bastava apenas um perfil para fazer a postagem. Assim, os que se sentiram mais incomodados puderam fazer a postagem no perfil do colega.

Cabe pontuar que alguns não ficaram empolgados com a ideia de usar seus perfis do Instagram para realizar uma tarefa escolar. Em sua primeira postagem, um aluno do 3º ano usou um perfil alternativo, em que ele tinha menos seguidores e apenas amigos “mais íntimos”. Na conta oficial o aluno tinha 1357 seguidores e seguia 707 pessoas, já na conta alternativa, ele tinha apenas 82 seguidores e seguia 71. A mensagem no perfil alternativo era “Só os selecionados”. Curioso notar que numa atividade semelhante, realizada no segundo semestre, o aluno usou a sua conta oficial.

Durante a avaliação final do curso, os alunos foram solicitados a responder a pergunta “Você considerou que houve invasão de privacidade durante a atividade realizada no Instagram?” A maioria dos alunos afirmaram não ter tido qualquer problema, ou incômodo. Apenas três alunas do 9º ano, que criaram um perfil exclusivo para a realização da atividade, mantiveram sua posição inicial de insatisfação.

Elas disseram que preferiram fazer de um perfil neutro, ao invés de usar o pessoal. As razões apresentadas por elas foram: receio dos amigos fazerem brincadeiras, não quererem que as pessoas soubessem onde elas estudavam, ou por simplesmente não gostar de fazer publicações no Instagram.

## POSTAR, CURTIR E APRENDER?: O USO DO INSTAGRAM NO ENSINO DE HISTÓRIA

ANDREZA S. C. MAYNARD

Outra aluna postou no *stories* a atividade solicitada e fez outra postagem explicando aos seguidores o conteúdo que estava no ar. Nas palavras dela “Gente isso aí é um trabalho da minha escola tá kkkkk pra não pensarem que eu estou doida” (J.L.S.S., 9º ano, 2019). A necessidade de explicação pode ser, ao menos em parte compreendida, pois ela tinha 3.045 seguidores em 2019 e já contava com parcerias comerciais, principalmente envolvendo segmentos de cosméticos.

Apesar de um número reduzido de alunos demonstrar insatisfação em usar seus perfis pessoais para realizarem as postagens para a atividade, isso acendeu o alerta sobre os limites de privacidade no uso das redes sociais. Por isso, foi importante ouvir os alunos a este respeito. A seguir, alguns pontos de vista apresentados por eles:

Instagram, é como Renata falou, uma hora vai sair. Acho normal colocar. Pra mim não vai interferir em nada. Não muda em nada (M.E.L.A.S., 9º ano, 2019).

Instagram? É tranquilo. Não me importo em postar da minha conta pessoal. Não tenho problema nenhum, nem tive dificuldade (L.S.A., 9º ano, 2019).

Acho interessante. Você está se expondo, mas de um jeito bom, também, interessante. Você está falando sobre história (S.F.R., 9º ano, 2019).

A questão da postagem ser no próprio perfil do aluno, eu não vejo algo invasivo nesse sentido. Até porque, por exemplo, se a pessoa colocar no *stories* é algo que é passageiro, não é? Não fica muito tempo. E até mesmo se você colocar como algo mais fixo, você tem esse controle de tirar depois, o dono do perfil tem essa possibilidade. Então, e como é algo muito acadêmico eu não vejo algo invasivo nesse sentido. Eu acho que é positivo nessa questão de estimular a pesquisa no aluno. E é válido como uma forma de estimular o aluno a sair um pouco do livro e tentar se envolver mais usando as tecnologias de hoje em dia. Eu acho que é positivo (M.G.S., 3º ano, 2019).

Em geral, os alunos pontuaram que não sentiram qualquer incômodo ou dificuldade para realizar a atividade. Muitos destacaram o caráter passageiro das postagens, já que era possível realizar as postagens no *stories*, ou de remover a publicação do *feed*. E em vários casos, os alunos demonstraram que a atividade despertou o interesse deles para o tema proposto. Uma aluna do 3º ano fez sua primeira pesquisa e postagem a respeito da Marcha sobre Roma (1922). Além da imagem solicitada e da descrição textual, ela acrescentou na postagem os seguintes comentários: “Pesquise mais sobre esse assunto é muito interessante” e “Não me responsabilizo por qualquer coincidência com o governo atual” (S. V. R. A., 3º ano, 2019).

Essa foi a primeira vez que eles usaram o Instagram para a realização de uma atividade escolar. Eles a compararam a outras, sobretudo aos exercícios propostos pelo livro didático. Se, como se observa, o uso da história digital na sala de aula foi uma novidade para os alunos, também o é para a historiografia brasileira.

### História Digital X História Tradicional

No Brasil já há algum tempo se discute a relação entre História e Internet. Pode-se apontar o texto de Luciano Raposo Figueiredo<sup>XV</sup>, publicado no livro “Domínios da História”, como um dos mais conhecidos. O autor aborda o impacto do uso da informática para a pesquisa histórica. Já Célia Cristina da Silva Tavares<sup>XVI</sup>, indica



## POSTAR, CURTIR E APRENDER?: O USO DO INSTAGRAM NO ENSINO DE HISTÓRIA

ANDREZA S. C. MAYNARD

algumas iniciativas de uso de computadores, programas e *WebQuests* na sala de aula. Muito embora se dediquem à aproximação entre história e internet, os dois autores não mencionam a História Digital<sup>XVII</sup>.

Este conceito vem sendo trabalhado pelo historiador Dilton Maynard em alguns textos como “Escritos sobre História e Internet”, no qual afirma que “a verdadeira questão não é ser contra ou a favor da Internet. O importante é compreender as suas mudanças qualitativas” (MAYNARD, 2011: 42). Ainda segundo este pesquisador, são justamente os professores da educação básica que vem realizando práticas de História Digital.

Em 2019 Dilton Maynard e Anita Lucchesi<sup>XVIII</sup> publicaram o verbete “novas tecnologias” no Dicionário de Ensino de História, organizado pelas professoras Marieta de Moraes Ferreira e Margarida Dias de Oliveira. Segundo os autores do verbete mencionado, quando nos referimos ao uso da internet na sala de aula e especificamente no Ensino de História não existe receita pronta. As escolas e a Academia continuam buscando as respostas de como empregar essas novidades na sala de aula.

Os autores também destacam a necessidade de abandonar a oposição entre o velho e o novo, o tradicional (lousa, giz), versus o aplicativo e o celular. Eles propõem que sigamos a sugestão de Zaagsma, ou seja, uma experiência híbrida, em que seja possível combinar recursos pedagógicos e digitais. Afinal, como eles apontam “Queiramos ou não, pertencemos todos à tal era digital e nem por isso abandonamos nossos cadernos, lápis e canetas” (LUCCHESI; MAYNARD: 2019: p. 182).

Esse texto reforça o que já havia sido colocado no livro “Ensino de História: fundamentos e métodos”, organizado por Circe Bittencourt. De acordo com Bittencourt, os métodos tradicionais de ensino “não precisam ser necessariamente abolidos para que sejam introduzidos outros, de natureza diversa”. Ainda conforme a autora

Não há dúvida de que tais recursos precisam ser introduzidos na escola, mas não podem ser utilizados sem que seja repensada a concepção de método de ensino e verificado se o computador, o filme e outros instrumentos pedagógicos não reproduzem o tão criticado método tradicional de ensino (BITTENCOURT, 2008, p. 223)

A obra de Bittencourt inova em 2005 (1ª edição) ao propor que os professores de história adotem em sua metodologia a análise de jornais, literatura, documentos oficiais, museus, imagens (fotografia e cinema), e música, oferecendo inclusive sugestões de atividades. No entanto, a 5ª edição foi publicada em 2018 com os mesmos textos de 2005. Apesar dos avanços promovidos no âmbito das tecnologias da Educação, não houve a inclusão de um capítulo abordando o uso da internet nas aulas de história.

A discussão historiográfica sobre o uso da internet na sala de aula tem aparecido a partir de práticas desenvolvidas sobretudo pelos professores da educação básica. Estamos no campo da experimentação. Por isso mesmo foi tão relevante ouvir os alunos e perceber, sob o ponto de vista deles, quais as suas impressões sobre a atividade. Os alunos apontaram como pontos positivos da atividade a acessibilidade, inovação da

## POSTAR, CURTIR E APRENDER?: O USO DO INSTAGRAM NO ENSINO DE HISTÓRIA

ANDREZA S. C. MAYNARD

proposta e a repercussão que as postagens tiveram com os contatos dos alunos. Vejamos alguns depoimentos dos alunos dos terceiros anos:

Foi diferente. É uma forma diferente de estimular os alunos a fazer as pesquisas dos assuntos e se envolver mais. Como tinha essa questão de escrever, é uma tentativa de fazer com que o aluno realmente busque e interprete o assunto que ele tiver pesquisando.

Tiveram alguns familiares que viviam lá no feed e responderam, né? Eles acharam interessante o aluno colocando esses conteúdos no próprio perfil. Eles veem como algo positivo, mostra que o aluno realmente está pesquisando. Isso é interessante assim, os familiares gostam, minha mãe, principalmente ... e minha tia, que viram isso (M.G.S., 3º ano, 2019).

Eu pessoalmente achei que foi de uma forma mais acessível porque pra gente na nossa situação, na nossa época, de fácil acesso, não só pra gente, mas pra todo mundo. Até mesmo de se trabalhar. É muito mais fácil do que ter que mandar por e-mail, ou postar em outro lugar. O Instagram é uma coisa que a gente utiliza muito, então pra utilizar pra postar é muito melhor e tem uma maior repercussão (A.K.B.S.S., 3º ano, 2019).

Que foi produtivo, que saiu do normal do que uma aula prevê. Tipo a aula no normal seria o professor explicando as coisas no quadro e tipo, além de atrair a nossa atenção, também atraiu a atenção das pessoas que seguem a gente (B.A.F., 3º ano, 2019).

Então, eu achei que é uma iniciativa muito criativa porque além de você estar aprendendo sobre o assunto, você também tá compartilhando com outras pessoas. E além disso, você meio que amplia o horizonte, porque tem gente que provavelmente nunca ouviu falar sobre o assunto, aí você tá ali mostrando pra essa pessoa e a pessoa pode achar legal, querer compartilhar. E em questão da praticidade, eu não vi problema nenhum. Então por ser um trabalho de escola, eu achei que não teria tanta repercussão, mas ao longo do tempo que a postagem ficou no ar eu vi que teve muitas curtidas, que o povo gostou muito, que veio comentar depois. E eu fiquei tipo, nossa, bem bacana. Porque é como aquele negócio mesmo da interação das pessoas. Elas leem sobre, aí curtem, dá uma repercussão legal (F.V.G.M., 3º ano, 2019).

Em geral os alunos viram a novidade de usar o Instagram para realizar uma tarefa escolar como positiva. Também destacaram que a atividade era simples, de fácil realização e que se surpreenderam com a repercussão das postagens realizadas por eles.

Durante o ano letivo, o livro didático foi utilizado nas duas séries (9º e 3º). No 9º ano realizamos algumas atividades propostas pelo livro didático, já os alunos do 3º ano não foram solicitados a executar nenhuma tarefa proposta pelo manual<sup>XIX</sup>.

Porém quando sentamos para avaliar o curso em 2019, os alunos do 9º ano afirmaram que não gostavam de realizar as tarefas propostas pelo livro didático. Os relatos mencionaram que consideravam as tarefas chatas, extensas e que demandavam muito tempo para serem realizadas. Algumas vezes as atividades do livro foram realizadas em sala de aula, outras ficaram como tarefa para casa, mas sempre compartilhávamos as respostas para diminuir as dúvidas e sanar as dificuldades encontradas pelos alunos. Eis algumas visões sobre esse tipo de tarefa escolar:

E como Luana falou, eu também acho muito chato atividade de livro, porque fico muito sem paciência. Eu demoro pra procurar. Eu tenho que pegar a resposta certinha, porque senão não vai (M.E.L.A.S., 9º ano, 2019).

Eu até gosto das atividades (DO LIVRO) porque faz com que o assunto entre na cabeça, só que tipo, atividade no livro realmente cansa. Eu prefiro uma

# POSTAR, CURTIR E APRENDER?: O USO DO INSTAGRAM NO ENSINO DE HISTÓRIA

ANDREZA S. C. MAYNARD

pesquisa. Pesquise sobre tal assunto. A gente já passa tanto tempo no celular, eu acho que uma pesquisa é interessante (V.K., aluna do 9º ano, 2019).  
As atividades do livro é muito cansativo (L.S.A., 9º ano, 2019).

Em verbete sobre o suporte, Itamar Freitas destaca que o livro didático continua sendo a principal ferramenta para quem vai ministrar aulas. O historiador pontua a respeito dos critérios de avaliação do livro didático no Brasil nos últimos 15 anos. Conforme Freitas:

O manual do professor foi reestruturado, a “aprendizagem” ganhou espaço sobre os “métodos de ensino” e as habilidades meta-históricas estão distribuídas por todo o impresso. Mas o principal objetivo do documento de 1999 não foi concretizado. Hoje, o LDH é uma peça cristalizada por causa da legislação inclusiva e também devido à inapetência de editores e autores que não tiram proveito da liberdade prevista nos editais lançados pelo governo federal” (FREITAS: 2019, p. 146)

As atividades propostas pelo livro didático requerem mais tempo dos alunos. E essa geração está habituada a ver tudo se resolver muito rapidamente, como ressalta Bauman<sup>xx</sup>. Uma aluna do 3º ano apontou a rapidez para realizar a atividade do Instagram como algo positivo. Ela descreveu da seguinte forma: “Eu gostei porque facilitou muito. A gente tirou tipo, sei lá, 2 minutinhos do nosso dia pra postar no Instagram e compartilhar com algumas pessoas, tipo, todo tipo de pessoa me segue” (L.M.A., 3º ano 2019).

## Para Concluir

Apesar do texto apontar para uma impressão positiva dos alunos em relação ao uso do Instagram nas aulas de história, cabe pontuar que não considero que essa seja a resposta para todos os nossos problemas. Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que não é possível controlar o uso do celular durante a atividade. Os alunos acabam passando boa parte do tempo da aula usando o celular para acessar outros conteúdos na internet. Quando se trata de explorar a rede, o professor precisa orientar de um por um, isso acaba fazendo com que aqueles que realizaram a atividade com agilidade tenham tempo livre para navegar por outros sites e aplicativos, dispersando a atenção para outros assuntos e interesses.

Essa constatação chama atenção para o fato de que o uso de uma prática de história digital pode ser produtivo, já que partimos de um ponto de interesse dos alunos. Mas o professor não deve querer competir com o celular, a internet e o Instagram. Os alunos estão conectados o tempo todo, mesmo que a norma proíba o uso durante as aulas. Fazer um uso esporádico dessa ferramenta pode gerar resultados produtivos, mas não há garantias.

Outro ponto que merece destaque é a volatilidade que o suporte oferece. Isso gera dois problemas. O primeiro diz respeito à dificuldade em fazer os alunos corresponderem a um limite de tempo para a entrega da atividade. Embora tenha sido estipulada uma data e horário final para a entrega das postagens, não há como barrar as publicações que ultrapassam o limite e os alunos acabam fazendo fora do prazo. Além

# POSTAR, CURTIR E APRENDER?: O USO DO INSTAGRAM NO ENSINO DE HISTÓRIA

ANDREZA S. C. MAYNARD

disso, muito do que foi publicado acabou se perdendo. Mas conforme já mencionado, todos os posts identificados foram salvos em *prints*.

Houve a associação entre o uso do celular e do Instagram como ferramenta de aprendizagem, mas isso foi combinado com o chamado método tradicional. Após os alunos realizarem as postagens, todo esse material produzido foi levado para a sala de aula. Ao mesmo tempo em que eram exibidas as publicações dos alunos no Instagram, a professora pedia que os alunos falassem sobre as suas pesquisas e aproveitava para expor o assunto utilizando a lousa, pincel e o livro didático. A ideia do uso do Instagram e a provocação para que os alunos participassem da aula, tentava retirá-los da posição de passivos, que apenas recebiam informações do professor.

Sabemos que, em vários momentos o ensino de história buscou inovar, experimentar, indicar caminhos para acessar o interesse dos alunos e prepará-los para o mundo em que eles irão atuar. Sendo assim, é importante pontuar que o uso do celular, internet e Instagram não são a chave mestra do universo. Os pontos mais positivos dessa experiência foram a produção de uma material pelos alunos e um surpreendente engajamento na atividade, devido à facilidade e rapidez na execução, bem como a repercussão do trabalho entre os alunos, familiares e seguidores do perfil @historia\_codap.

Por fim, vale ressaltar que a experiência esteve mais próxima da adoção de novos recursos tecnológicos no ensino do que a proposição de um método de ensino. A este respeito, continuo acreditando no tradicional “olho no olho”. A interação com os alunos é algo essencial no processo de ensino e aprendizagem. Andar pela sala, chamar os alunos pelo nome, trazer situações do tempo presente que os faça refletir sobre o seu lugar na sociedade, fazendo-os associar o assunto estudado a um problema atual, real e próximo a ele certamente desperta um senso crítico nos alunos. Esse aspecto foi destacado por uma aluna do 9º ano: “Você interage com a gente, quando você está explicando, e eu acho isso interessante. Dá pra entender melhor” (S.F.V., 9º ano, 2019).

## Notas

---

<sup>I</sup> Pós Doutora em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Doutora em História pela UNESP. Professora de História do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe e Professora do quadro permanente do Mestrado Profissional em Ensino de História da mesma Universidade.

<sup>II</sup> ORWELL, George. 1984. Trad. Alexander Hubner e Heloisa Jahn. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

<sup>III</sup> Ver PRENSKY, Marc. *Aprendizagem baseada em Jogos Digitais*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

<sup>IV</sup> Trata-se de uma instituição de educação básica que funciona dentro da cidade universitária José Aloísio de Campos, na cidade de São Cristóvão (Sergipe-Brasil).

<sup>V</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

<sup>VI</sup> Em 2019 ministrei aulas de história para turmas de 9º e 3º ano.

<sup>VII</sup> ORWELL, George. 1984. Trad. Alexander Hubner e Heloisa Jahn. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

<sup>VIII</sup> Google é uma empresa multinacional de serviços online e software dos Estados Unidos, que hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos baseados na internet.

# POSTAR, CURTIR E APRENDER?: O USO DO INSTAGRAM NO ENSINO DE HISTÓRIA

ANDREZA S. C. MAYNARD

<sup>IX</sup> Siri é um aplicativo no estilo assistente pessoal e usa processamento de linguagem natural para responder perguntas, fazer recomendações, e executar ações.

<sup>XX</sup> Informação obtida no endereço < <https://www.instagram.com/historiaemimagens/>>. Acesso em 21/12/2020, às 15:40h.

<sup>XI</sup> Informação obtida no endereço <[instagram.com/historianopaintoficial/](https://www.instagram.com/historianopaintoficial/)>. Acesso em 21/12/2020, às 15:41h.

<sup>XII</sup> Informação obtida no endereço < <https://www.instagram.com/historialiberta/>>. Acesso em 21/12/2020, às 15:42h.

<sup>XIII</sup> Publicações temporárias do perfil, que permanecem visíveis por 24h e precisam ser acessadas para serem visualizadas.

<sup>XIV</sup> Publicações permanentes do perfil. Ficam visíveis na página Inicial do Instagram.

<sup>XV</sup> FIGUEIREDO, Luciano R. História e Informática: o uso do computador. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997 – 14ª reimp. pp. 419-439.

<sup>XVI</sup> TAVARES, Célia Cristina da Silva. História e Informática. IN: *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, pp. 301-317.

<sup>XVII</sup> A História Digital está relacionada ao uso de novas tecnologias e ferramentas, como softwares, que podem ajudar o historiador a trabalhar com a documentação de uma forma diferente, bem como apresentar e divulgar esse trabalho de outra forma. Ver: MAYNARD, Dilton C. S. *Escritos sobre história e Internet*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

<sup>XVIII</sup> O trabalho de Anita Lucchesi, também voltado para a discussão da História Digital, vem incorporando também a História Pública e a Internet como um meio privilegiado para que isso aconteça. Ver: LUCCHESI, Anita. *Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)*. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Programa de Pós-graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

<sup>XIX</sup> No Colégio de Aplicação adotamos a coleção *História: Sociedade & Cultura* de Alfredo Boulos Júnior. É um livro aprovado pelo PNLD (2017-2018-2019), traz uma leitura dinâmica e atual da história, considerado um bom livro pela autora deste artigo. O livro adotado para o 3º ano é o da coleção *Olhares da História: Brasil e mundo*, de Claudio Vicentino, José Bruno Vicentino e Saverio Lavorato Junior. Também é um livro aprovado pelo PNLD (2018-2019-2020).

<sup>XX</sup> BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

## Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2018. (Edição Kindle)

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

**POSTAR, CURTIR E APRENDER?: O USO DO INSTAGRAM NO ENSINO DE  
HISTÓRIA**

ANDREZA S. C. MAYNARD

---

FIGUEIREDO, Luciano R. História e Informática: o uso do computador. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997 – 14ª reimp. pp. 419-439.

FREITAS, Itamar. Livro Didático. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira; OLIVEIRA, Margarida Dias de (coord.). *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. pp. 143-148.

LUCCHESI, Anita. *Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)*. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Programa de Pós-graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LUCCHESI, Anita; MAYNARD, Dilton C. S. Novas Tecnologias. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira; OLIVEIRA, Margarida Dias de (coord.). *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. pp. 179-184.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. *Cem anos de solidão*. Trad. Eliane Zagury. 60ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MAYNARD, Dilton C. S. *Escritos sobre história e Internet*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

ORWELL, George. *1984*. Trad. Alexander Hubner e Heloisa Jahn. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PARRAT-DAYAN, Silvia. Alunos, professores, escola e indisciplina: O contexto pós-moderno e as contribuições de Piaget. IN: TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. *É possível superar a violência na escola?: construindo caminhos pela formação moral*. São Paulo: Editora do Brasil: Faculdade de Educação Unicamp, 2012. – (Coleção práxis educação). pp. 158 – 174.

PRENSKY, Marc. *Aprendizagem baseada em Jogos Digitais*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

TAVARES, Célia Cristina da Silva. História e Informática. IN: *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, pp. 301-317.